



ENSINAR E APRENDER | + Autonomia Curricular Turmas Dinâmicas - 1.2.3.

ROTEIRO

Roteiros de organização de turmas dinâmicas

O quê?

Organização flexível de reagrupamento de alunos.

Para quê?

Aprofundar a cultura profissional docente baseada em trabalho colaborativo.

Concretizar diferentes modelos de organização das turmas de forma a permitir uma melhor adequação do ensino e da aprendizagem às características/necessidades dos alunos, redirecionando estrategicamente o crédito horário letivo e os recursos docentes da Escola.

Potenciar a gestão curricular e a diferenciação pedagógica ao nível do ano escolaridade.

Como?

Cenário #1 | Turmas Contíguas

As turmas de contiguidade são um modelo de organização e gestão escolar em que prevalece um grupo de turmas partilhadas por um número substancial de docentes (núcleo duro). É importante que esta equipa docente tenha a mesma mancha horária, integre os mesmos conselhos de turma e disponha de tempos e espaços para o planeamento, intervenção e reflexão das dinâmicas associadas à articulação curricular. A escola define as turmas, os horários escolares e sincroniza a distribuição do serviço docente das respetivas equipas que através desta modalidade organizacional promovem a necessária diferenciação pedagógica e a integração curricular que possibilitam atividades conjuntas. Esta tecnologia organizacional facilita a constituição de grupos temporários flexíveis para o desenvolvimento de projetos específicos, emprestando conteúdos significativos ao trabalho colaborativo dos professores no planeamento, implementação e avaliação dos processos de ensino conducentes à aprendizagem.

A organização de turmas contíguas permite:

- i) reagrupar temporariamente os alunos das turmas contíguas em grupos flexíveis;
- ii) conhecer, acompanhar e orientar de modo mais eficaz os alunos;
- iii) monitorizar e partilhar informação precisa sobre o progresso e as dificuldades de cada aluno nas diferentes áreas curriculares;
- iv) organizar atividades curriculares conjuntas tendo por base as necessidades, potencialidades e as áreas de interesse dos alunos.

Cenário #2 | TurmaMais

A tecnologia organizacional TurmaMais surge em 2002 como uma resposta de reorganização temporária de alunos, a partir das turmas de origem heterogéneas, com o objetivo de aumentar a motivação, a autoestima e, conseqüentemente, o desempenho escolar de todos. A heterogeneidade de base das turmas de origem é assumida como referencial, mas suscetível de ser gerida temporariamente, levando a decisões responsáveis e partilhadas das equipas educativas por forma a permitir a melhoria das aprendizagens e da participação inclusiva dos alunos. Descreve-se abaixo o modo como é implementada a TurmaMais do 1.º ao 12.º ano:

1. É criada uma turma a mais por cada 2, 3 ou 4 turmas de origem.

2. Os docentes da TurmaMais são preferencialmente os mesmos das turmas de origem para acompanharem os alunos nas fases do seu progresso e, mais facilmente, coordenarem o acompanhamento das aprendizagens essenciais em todas as turmas. No 1.º ciclo devido à monodocência cada turma, incluindo a TurmaMais, tem um professor diferente.
3. A TurmaMais é frequentada num calendário previamente definido prevendo a rotação de todos os alunos das turmas de origem de acordo com o seguinte cronograma: primeira metade do primeiro período – 1.º grupo de alunos; segunda metade do primeiro período - 2.º grupo de alunos; primeira metade do segundo período – 3.º grupo de alunos; segunda metade do segundo período - 4.º grupo de alunos; terceiro período- último grupo de alunos. Cada grupo de alunos deve sair da turma de origem para a TurmaMais por um período temporal de cerca de seis a sete semanas por forma a iniciar, desenvolver, concluir e avaliar uma determinada unidade ou subunidade didática. Quando a escola está organizada por semestres fazem-se as adaptações temporais consideradas necessárias.

A constituição do grupo de alunos a integrar a TurmaMais, em qualquer dos momentos, pode obedecer a vários critérios:

- Criação de grupos de alunos que saem temporariamente das turmas de origem de acordo com a proximidade dos seus resultados escolares desde que as suas competências relacionais permitam formar um bom ambiente de trabalho. Neste caso a rotação clássica entre os grupos de alunos das turmas de origem e da TurmaMais costuma obedecer à seguinte calendarização: primeira metade do primeiro período – alunos de nível 5; segunda metade do primeiro período – alunos de nível 2; primeira metade do segundo período – alunos de nível 4; segunda metade do segundo período – alunos de nível 3; terceiro período- alunos em risco de retenção.
- Nos 1.º e 2.º anos de escolaridade o reagrupamento temporário de alunos geralmente tem em consideração os diferentes níveis de competência no domínio da leitura e da escrita. No 2.º ano o domínio das competências matemáticas é geralmente associado ao domínio da língua como variável para o reagrupamento temporário de alunos.
- Criação de grupos de alunos distribuídos entre as turmas de origem e a TurmaMais de acordo com os estilos de aprendizagem (EA) teorizados por Kolb & Kolb. Neste caso a rotação sugerida entre os grupos de alunos das turmas de origem e da TurmaMais obedece à seguinte calendarização: primeira metade do primeiro período – EA conceptualização abstrata; segunda metade do primeiro período – EA experimentação ativa; primeira metade do segundo período – EA observação reflexiva; segunda metade

- do segundo período – EA experiência concreta; terceiro período- a decidir de acordo com as necessidades.
- Criação de grupos de alunos heterogéneos distribuídos entre as turmas de origem e a TurmaMais (ou apenas na TurmaMais) com o objetivo de permitir tutorias entre pares na linha das propostas de Vygotsky.
 - Criação de grupos de alunos distribuídos entre as turmas de origem e a TurmaMais (ou apenas na TurmaMais) de acordo com a sua atitude mental fixa ou progressiva (*fixed and growth mindset*) na linha dos estudos realizados por Carol Dweck por forma a potenciar melhorias em todos eles.
 - Criação de grupos totalmente heterogéneos em todas as turmas de origem e na TurmaMais onde se privilegia a redução do número de alunos e as suas relações interpessoais positivas para a criação de um bom ambiente de trabalho em sala de aula.
 - Criação de grupos para permitir o desenvolvimento de algumas das múltiplas inteligências teorizadas por Gardner e/ou da inteligência emocional reconhecida por Goleman.
 - Outras modalidades de reagrupamento temporário de alunos tendo em conta objetivos pedagógicos, curriculares e de desenvolvimento pessoal e social delineados pelas equipas educativas alargadas (docentes, EMAEI, técnicos especializados – escolas e municípios).

Cenário #3 | Fénix

O Projeto Fénix surge em 2007, resultante de uma forte motivação em proporcionar condições para que todos os alunos possam efetuar aprendizagens e consolidar saberes.

Este projeto assenta numa tecnologia organizacional, baseada na flexibilidade e no agrupamento dinâmico e temporário de alunos por grupos de homogeneidade relativa para uma melhor personalização do ensino e uma efetiva ação educativa em prol da promoção de aprendizagens de qualidade.

Está implementado no 1.º, 2.º, 3.º Ciclos e no Ensino Secundário. No entanto, pelo seu caráter preventivo, é sugerida a sua implementação logo que se identificam as primeiras dificuldades, nos primeiros anos de escolaridade, evitando o acumular de não aprendizagens.

Em 2018, constitui-se a Academia Fénix, uma rede colaborativa de Escolas que operacionaliza esta medida, que produz conhecimento e boas práticas no âmbito do trabalho colaborativo e cooperativo, no desenvolvimento profissional e nas práticas letivas.

Na sua operacionalização, o Projeto desdobra-se em dois eixos de ação, Eixo I e Eixo II:

Eixo I

1. São criadas Turmas Fénix e Ninhos.
2. Os Ninhos acolhem, temporariamente, os alunos que precisam de apoio mais intensivo / específico / personalizado.
3. A permanência no Ninho é constantemente reavaliada pelos professores titular e Fénix, sempre numa perspetiva temporária.
4. Os Ninhos podem ser de recuperação ou de desenvolvimento:
 - Ninhos de recuperação - integram alunos que apresentam dificuldades/ritmos mais lentos de aprendizagem. Assim que o nível de desempenho esperado é atingido, os alunos regressam à turma de origem.
 - Ninhos de Desenvolvimento – integram alunos com alto rendimento escolar, dando a possibilidade de desenvolver as suas capacidades e de alargar o seu potencial.

Eixo I - como se organiza no 1.º Ciclo:

1. Ninho
 - 1.1. Horário dinâmico e no máximo de 6 horas/semana. Nestes tempos não há introdução de novos conteúdos;
 - 1.2. O professor titular acompanha os alunos do ninho, pois conhece bem as suas dificuldades e os ritmos de aprendizagem dos seus alunos e atua cirurgicamente na escolha de estratégias mais adequadas para o processo de ensino e de aprendizagem.
2. Turma
 - 2.1 Os alunos que não saíram com o professor titular ficam com o professor Fénix e, nestes tempos, desenvolvem um trabalho que promove a inovação, a criatividade, o espírito crítico e reflexivo e o gosto por cruzarem saberes.
 - 2.2 Quando os alunos terminam o apoio com o professor titular (Ninho), regressam ao grupo-turma e inserem-se nas atividades que estiverem a ser desenvolvidas. Esta coadjuvação tem como objetivo a passagem de testemunho do professor Fénix para o professor titular.

Eixo I - como se organiza no 2.º e 3.º Ciclos e Secundário

1. Ninho
 - 1.1 Carga letiva e horário igual ao da turma, não sobrecarregam o tempo letivo dos alunos.

- 1.2 Pode receber alunos de uma ou de duas turmas.
2. Turma
 - 2.1 Em simultâneo com o horário do ninho.
 - 2.2 Semanalmente, num tempo letivo, os alunos do Ninho devem regressar à Turma, para interagirem com os pares, mediante a realização de desafios e trabalho de pares/grupos, numa ótica de socialização alargada e de aferição de aprendizagens consolidadas.

Eixo II – 1.º, 2.º, 3.º Ciclos e Secundário

1. Dinâmica de ano de escolaridade ou interturma, organiza temporariamente os alunos por níveis de proficiência.
2. É utilizada quando é preciso recuperar/consolidar aprendizagens essenciais, ou seja, o que os alunos não podem deixar de saber.
3. Tem uma periodicidade ajustada às dificuldades e ritmos dos alunos.
4. Não envolve recursos ou custos adicionais, apenas uma reorganização pedagógica e funcional.

Cenário #4 | Espaços de aprendizagem

Os “Espaços de Aprendizagem” constituem-se como ambientes progressivos de aquisição de conhecimentos, atitudes e valores, que respeitam o desenvolvimento individual do aluno, numa organização que pode contemplar as disciplinas para as quais esta estratégia se revele pertinente, abrangendo um ou dois anos de escolaridade (p.e. 5.º e 6.º anos).

São constituídos como espaços educativos (salas) dedicados a um determinado nível de aprendizagem de uma determinada disciplina que é dinamizado por um docente dessa disciplina. Por exemplo, num dado ano ou ciclo de ensino é preparada uma sala para o português nível elementar (NE), outra para português nível intermédio (NI) e outra para o português nível avançado (NA). Poderão ser criados espaços de aprendizagem para diferentes disciplinas, não sendo obrigatório existir para todas as disciplinas da matriz.

É elaborado um plano de trabalho individualizado e com a participação do aluno, o qual vai percorrendo os diferentes espaços de acordo com o seu nível de aprendizagem a essa disciplina. Assim, o aluno pode estar, por exemplo, no NE a português e no NA a matemática.

Não existe um número de espaços e de níveis pré-definido. Cada escola, a partir da sua realidade, identificará o número de espaço e níveis necessários.

A transição de nível dentro de uma disciplina é feita através de processos de autoavaliação, com a validação por parte do docente que está responsável por aquele espaço/nível/disciplina, ou seja, o aluno irá propor ao docente responsável pelo espaço educativo o momento em que fará a sua avaliação.

O professor titular/diretor de turma é o responsável pelo acompanhamento e gestão dos percursos dos alunos fazendo pontos de situação para aferir se estes estão a cumprir o plano e apoiar a transição de nível na disciplina.

Para o sucesso da medida, os espaços de aprendizagem devem propiciar desafios expressos em tarefas colaborativas, enriquecidas com materiais pedagógicos que promovem a autoaprendizagem, a fim de reforçar a autonomia e a responsabilização de cada aluno em relação às suas aprendizagens. Será benéfico que os desafios a desenvolver sejam consolidados a partir de interesses comuns, aspeto que só poderá ser plenamente conseguido com a articulação estreita entre o professor e os alunos a partir da análise e da discussão regular do plano de trabalho individualizado. Em suma, esta medida implica a desconstrução do modelo organizacional de turma, mantendo-se esta apenas para efeitos administrativos.

Cenário #5 | “Grupos acompanhados”

Um acompanhamento mais individualizado dos alunos e o fortalecimento das relações entre estes e os seus docentes são fatores apontados há muito como determinantes no sucesso educativo.

Uma das estratégias possíveis para este acompanhamento mais individualizado é a criação de uma relação entre um docente (tutor) e um pequeno grupo de alunos.

Para operacionalizar esta dinâmica, poderá optar-se pela divisão do tempo da matriz curricular por dois momentos distintos de atividades letivas. Durante o período da manhã, os alunos cumprem o horário escolar com os seus professores, nas várias disciplinas.

No período da tarde e na restante carga horária, realizam trabalho autónomo, colaborativo, de projeto ou outras dinâmicas, com apoio de um docente tutor, em grupos mais pequenos (cerca de 10 alunos). O trabalho a desenvolver neste período será planificado pelo conselho de turma.

O tutor assume a responsabilidade pelo acompanhamento e pela gestão do percurso escolar destes alunos, ou seja, é responsável pelo contacto regular com os pais e encarregados de educação, pela organização do estudo, pelo desenvolvimento do trabalho autónomo. O tutor deve, sempre que possível,

